

AS MEMÓRIAS SUBTERRÂNEAS DE ANNIE ERNAUX EM *O ACONTECIMENTO* (2000)

Gabriela Seguesse Freitas

Universidade Federal de São Carlos

(gsf.br@hotmail.com)

Resumo

Em 2000, a escritora francesa Annie Ernaux publica *L'Événement* (traduzido no Brasil pela Editora Fósforo em 2022 como *O acontecimento*), um relato autobiográfico sobre o aborto que realizou aos 23 anos, em 1963, quando o procedimento era ilegal na França. O *memoir* vem à tona vinte e cinco anos depois da legalização no país, em 1975. Haja vista o conceito de memórias subterrâneas de Michael Pollack, aquelas de grupos marginalizados que são “proibidas” e, portanto, “clandestinas”, Ernaux quebra os tabus e os silenciamentos ao redor do tema e o insere no espaço público ao publicar suas obras, trazendo atenção mundial para o assunto ao ganhar o Prêmio Nobel em 2022 e colocar seu projeto literário em evidência, que recebe traduções em vários países. Com o auxílio de seu diário, Ernaux resgata em *O acontecimento* a memória de sua experiência pessoal, mas que foi vivida por outras mulheres e mantida em segredo na época, e muitas vezes até hoje.

Palavras-chave: Annie Ernaux; Autobiografia; Literatura Francesa; Memórias Subterrâneas; Michael Pollack.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

Gabriela Seguesse Freitas

É mestranda em Estudos de Literatura na Universidade Federal de São Carlos, onde pesquisa a autora mexicana Amparo Dávila sob a orientação do Prof. Dr. Jorge Leite Jr. Possui duplo bacharelado em inglês e espanhol pela instituição Rollins College, localizada em Winter Park, na Flórida. Sua especialidade é em literatura gótica na América Latina, escrita feminina, sexualidade e gênero. Trabalha como professora de inglês e espanhol, além de atuar como tradutora e revisora de textos.



lattes.cnpq.br/8345925006384342

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

AS MEMÓRIAS SUBTERRÂNEAS DE ANNIE ERNAUX EM *O ACONTECIMENTO* (2000)

Gabriela Seguesse Freitas

Universidade Federal de São Carlos

(gsf.br@hotmail.com)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente artigo tem como objetivo usar o conceito de memórias subterrâneas do sociólogo francês Michael Pollock, ideia que se refere às lembranças de grupos marginalizados “proibidas” por contrastarem com a memória e a história oficiais da nação, para analisar o relato da escritora francesa Annie Ernaux em *O acontecimento*. Nele, Ernaux descreve o aborto que realizou quando era uma estudante universitária de 23 anos, época em que o procedimento era ilegal na França. Com a publicação desse livro de memórias em 2000, Ernaux quebra os tabus e os silenciamentos ao redor do tema e o insere no espaço público, registrando não apenas a sua experiência pessoal, mas também a vivência de outras mulheres que foi mantida em segredo à época, e frequentemente até hoje.

O SILENCIAMENTO DE MEMÓRIAS CLANDESTINAS

Em seu artigo “Memória, esquecimento, silêncio”, de 1989, Michael Pollack contrasta a memória individual e a memória coletiva, sobretudo em relação às lembranças das pessoas que viveram durante a Segunda Guerra Mundial. Pollack argumenta que certas recordações e experiências pessoais, denominadas memórias subterrâneas, não se alinham com a narrativa dominante da história. Elas se opõem à memória nacional, que seria a forma mais completa de uma memória coletiva, pois envolve toda a nação. Isso leva à indagação de quais são os processos para constituir e formalizar essas memórias, sendo um deles o favorecimento de testemunhos que tenham pontos de contato para formar uma base comum da memória coletiva (POLLACK, 1989, p. 4).

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

Porém, ao analisar os relatos dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, surgem divergências entre a memória “oficial” (memória nacional) e as memórias subterrâneas (POLLACK, 1989, p. 4). As memórias subterrâneas, geralmente transmitidas de maneira oral e parte integrante das culturas minoritárias, colocam em disputa a versão oficial e revelam o caráter opressor da memória coletiva nacional. Elas desafiam a ideia de uma memória coletiva uniforme e demonstram como as pessoas negociam suas lembranças pessoais dentro do contexto mais amplo da história e da sociedade, pois “um passado que permanece mudo é muitas vezes menos o produto do esquecimento do que de um trabalho de gestão da memória segundo as possibilidades de comunicação” (POLLACK, 1989, p. 13).

Essas lembranças são deliberadamente administradas e mantidas ocultas em prol da boa convivência, semelhante aos sobreviventes judeus que se mantiveram em silêncio para viver em harmonia com alemães e austríacos após o término da guerra, e não provocar culpa, por questão de segurança, naqueles que foram participantes ou testemunhas do Holocausto (POLLACK, 1989, p. 5). O termo “subterrâneo” indica que essas memórias estão presentes, mas não são visíveis ou reconhecidas publicamente. Apesar disso, elas permanecem vivas para quem as carrega, especialmente por serem, em sua maioria, lembranças traumatizantes que esperam o momento propício para ressurgir.

Essas memórias não são compartilhadas abertamente devido a fatores como a ausência de reconhecimento social, o medo de julgamento e a estigmatização, ou a falta de um espaço seguro para expressá-las. Como exemplo, Pollack cita os sobreviventes homossexuais dos campos de concentração e seu silêncio coletivo, pois muitos deles temiam que revelar o motivo para seu internamento acarretaria consequências no presente, como denúncia, perda de emprego ou revogação de contrato de locação, já que mesmo com o fim da guerra a homossexualidade permanecia ilegal na Alemanha (1989, p. 12). O mesmo ocorreu com os criminosos, as prostitutas e os ciganos, que foram enviados para os campos de concentração junto com os judeus: “A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos” (POLLACK, 1989, p. 8). O conceito de memórias subterrâneas serve para compreender como as narrativas oficiais podem omitir ou simplificar determinados aspectos do passado; elas destacam a complexidade das experiências individuais e a diversidade de perspectivas em relação a um mesmo evento histórico.

Uma vez rompido o tabu, essa memória “proibida” e, portanto, “clandestina” invade o espaço público, pedindo por reivindicações (POLLACK, 1989, p. 5), como reparação histórica. Antes disso, a lembrança é cercada por silêncios e sombras, pois os sobreviventes não encontram uma escuta, ou têm medo da punição ou de mal-entendidos por aquilo que se

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

diz (POLLACK, 1989, p. 8). Por isso, essas lembranças geralmente só são transmitidas dentro da unidade familiar ou em redes de sociabilidade afetiva ou política. Ademais, a esses silêncios acrescentam-se razões pessoais, como evitar repassar os traumas dos pais para os filhos. Porém, como Pollack (1989) elucida, no momento em que as testemunhas chegam ao fim da vida e sabem que, com elas, seu testemunho também desaparecerá, elas tendem a querer inscrever suas lembranças contra o esquecimento, compartilhando-as com os descendentes.

O conceito de Pollack pode ser aplicado à obra *O acontecimento*, de Annie Ernaux, em que a autora relata a gravidez indesejada aos 23 anos e a interrupção ilegal desta. Muitos dos aspectos de uma memória subterrânea ecoam neste livro em específico, não apenas pelo elemento de ilegalidade presente na confissão, mas também pelas consequências que o acompanharam, como o isolamento e a sensação de clandestinidade, como será explorado a seguir.

AS MEMÓRIAS SUBTERRÂNEAS DE ANNIE ERNAUX

Nascida em 1940 na cidade de Lillebonne, Annie Ernaux vem de uma família de operários de fábrica e comerciantes, o que torna para ela ainda mais significativa sua formação em Letras pela Universidade de Rouen-Normandie. Seu *debut* literário ocorre com a publicação de *Les armoires vides* (“Os armários livres”, em tradução livre) em 1974, obra que direciona seu enfoque para a infância e a adolescência, revelando as raízes que a conectam com sua família, sua classe social e sua sexualidade.

Quando se refere a seu primeiro livro, Ernaux afirma que “sem que me desse conta no momento, aquele primeiro livro, publicado em 1974, traçou o domínio em que eu iria situar a minha escrita, um domínio simultaneamente social e feminista. Vingando meu povo e vingando meu sexo seria, a partir de então, a mesma coisa” (2022, p. 3, tradução nossa)¹. Em um projeto literário que abrange mais de vinte obras, Ernaux explora aspectos específicos de sua vida, tais como o relacionamento com seus pais (como visto em *A vergonha*), a vida de seu pai (*O lugar*), sua juventude (*Os anos*), bem como seus relacionamentos amorosos (*O jovem, Paixão simples*), entre outros temas. Apesar de abordar suas experiências pessoais, Ernaux entrelaça esses eventos com o contexto global, tal como é característico em livros de memórias. Em 2022, a autora foi laureada com o Prêmio Nobel de Literatura pelo reconhecimento de sua “coragem e perspicácia clínica na desvelação das raízes, das

¹ Na tradução oficial em inglês de Alison L. Strayer: And so, without being aware of it at the time, that first book, published in 1974, mapped out the realm in which I would situate my writing, a realm both social and feminist. Avenging my people and avenging my sex would, from that time on, be one and the same thing.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

estranhezas e das limitações coletivas da memória pessoal” (Nobel Prize, 2022, tradução nossa)².

Ernaux provoca uma crise na categorização da sua escrita. Alguns rotulam suas publicações como “autobiografia impessoal” ou, como ela mesma coloca, “autossociobiografia”. Esse tipo de literatura entrelaça a vida pessoal do autor com aspectos da sociedade. Ao contrastar sua experiência pessoal com o mundo, ela busca transcender sua própria ideologia e encontrar a memória da “memória coletiva a partir de uma memória individual” (Ernaux, 2021, p. 232), como declara em *Os anos*, publicado originalmente em 2008. Para Ernaux, a escrita não é uma atividade individual e apolítica; pelo contrário, é uma maneira de registrar suas observações e eventos em um documento que será depois analisado e apreendido por leitores. Sua obra é o discurso escolhido por ela para investigar a própria existência em sua dimensão social, ao mesmo tempo em que funciona como um arquivo, registrando suas experiências pessoais e períodos da história da França. Sua autobiografia atua como prova e testemunho da vida de mulheres e proletários que, por não ultrapassarem as barreiras da classe social, não têm voz para compartilhar suas próprias histórias.

Em *O acontecimento*, Ernaux relembra o ano de 1963, quando era uma estudante de 23 anos e engravidou de um homem que conheceu durante as férias. A escritora decide recorrer ao aborto ilegal, porque, sem o apoio do jovem ou dos pais, teria que abandonar a faculdade para poder criar o filho, o que a manteria presa no “mundo dos trabalhadores manuais, do qual eu vim, um mundo que temia as elocubrações” (ERNAUX, 2022, p. 31). Porque o procedimento era ilegal na época, ela enfrenta a experiência praticamente sozinha.

Valendo-se das anotações de seu diário pessoal e das memórias que permaneceram guardadas, Ernaux reconstrói o trajeto que percorreu para buscar um aborto clandestino. Ela usa a agenda e o diário como apoios memorialísticos: “Uma agenda e um diário íntimo mantidos durante esses meses vão me trazer as referências e as provas necessárias ao estabelecimento dos fatos” (ERNAUX, 2022, p. 16). Para Pollack, essa é a maneira pela qual o discurso interior se expressa; é o compromisso do não-dito “entre aquilo que o sujeito se confessa a si mesmo e aquilo que ele pode transmitir ao exterior” (1989, p. 8). Seus cadernos são o único meio pelo qual Ernaux consegue expressar e externalizar seus sentimentos e acontecimentos, já que compartilhar seu plano com os pais ou os colegas à época poderia levar a uma denúncia.

² No original: “for the courage and clinical acuity with which she uncovers the roots, estrangements and collective restraints of personal memory”.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

Durante o relato de Ernaux, a clandestinidade do seu ato fica ainda mais evidente para o leitor atual no momento em que ela insere, na página 19, a lei de 1948 que punia com prisão e multa o autor, os médicos, as parteiras e os farmacêuticos de toda e qualquer manobra abortiva, assim como propagandas anticoncepcionais e incitação ao aborto. A transcrição da lei do Novo Larousse Universal é colocada logo após o capítulo em que Ernaux descobre que está grávida e antes de sua resolução de abortar, dando peso à sua decisão e alertando o leitor sobre a seriedade e o risco envolvidos na situação.

Em 1971, Simone de Beauvoir encabeçou o “Manifeste des 343”, publicado na revista *Le Nouvel Observateur*, no qual 343 mulheres, muitas delas personalidades célebres e figuras proeminentes na França, declararam ter passado por um aborto clandestino. O propósito desse manifesto era conscientizar o público sobre a realidade de um milhão de mulheres na França que, anualmente, realizavam abortos em condições precárias. Após a coleta das 343 assinaturas, outras 331 foram obtidas, dessa vez de médicos que apoiavam a causa. Essa nova manifestação foi publicada na mesma revista em fevereiro de 1973, onde profissionais da saúde confessavam ter praticado abortos, mesmo sob a ilegalidade vigente. Um ano mais tarde, a Ministra da Saúde, Simone Veil, apresentou um projeto de lei que eventualmente culminou na despenalização do aborto na França.

Este episódio marcante é revisitado e explorado em 2000, 25 anos depois da legalização do aborto e quatro décadas depois de ocorrido, quando Ernaux já se estabelecera como uma das escritoras mais proeminentes de seu país. Como Pollack escreve, a emergência da memória subterrânea ocorre quando os tabus conservados pela memória oficial anterior caem. Isso mostra também a “sobrevivência, durante dezenas de anos, de lembranças traumatizantes, lembranças que esperam o momento propício para serem expressas” (POLLACK, 1989, p. 5). As memórias subterrâneas da escritora se revelam apenas quando é seguro fazê-lo no espaço público, porque ela não sofreria consequências legais: “É justamente porque nenhuma interdição pesa mais sobre o aborto que posso [...] enfrentar, na sua realidade, esse acontecimento inesquecível” (ERNAUX, 2022, pp. 16-17).

Porém, Ernaux coloca o leitor, durante a leitura do livro, na posição em que se encontrava no momento. Ela nota o impacto e os efeitos que uma ação decretada como “crime” tem naquela sociedade, pois a lei tem o poder de mudar a percepção das pessoas sobre o que é aceitável e inaceitável: “Numa outra tarde, entrei em uma igreja [...] para dizer ao padre que eu tinha abortado. Logo em seguida, me dei conta do meu erro. Eu me sentia na luz e para ele eu estava no crime. Ao sair, soube que o tempo da religião tinha acabado para mim” (ERNAUX, 2022, p. 68). Ernaux não pode compartilhar sua experiência porque seria considerada uma criminosa, por isso se mantém em silêncio e se afasta da religiosidade.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

Ernaux observa também o paradoxo que a lei cria no julgamento das pessoas: a lei é criada porque uma ação é considerada ruim, ou aquela ação é considerada ruim por ser proibida?

Para fugir da submersão das imagens e agarrar essa realidade invisível, abstrata, ausente da lembrança, e que no entanto me lançava à rua em busca de um improvável médico: a lei. Ela estava em todo lugar. Nos eufemismos e lítotes da minha agenda, [...] na vergonha daquelas que abortavam e na reprovação dos outros. Na impossibilidade absoluta de imaginar que um dia as mulheres pudessem decidir abortar livremente. E, como de costume, era impossível determinar se o aborto era proibido porque ruim, ou se era ruim porque proibido. Julgava-se de acordo com a lei, não se julgava a lei. (ERNAUX, 2022, p. 29)

Por causa do silêncio em torno do tema, escrever esta obra, para Ernaux, é uma maneira de dar luz ao seu acontecimento que permaneceu na escuridão por tantos anos, assim como o de outras mulheres:

Ter vivido uma coisa, qualquer que seja, dá o direito imprescritível de escrevê-la. Não existe verdade inferior. E, se eu não relatar essa experiência até o fim, **estarei contribuindo para obscurecer a realidade das mulheres e me acomodando do lado da dominação masculina do mundo.** (ERNAUX, 2022, p. 35, grifo nosso)

A escrita deste manuscrito representa uma responsabilidade que Ernaux assume em relação às mulheres que viveram a mesma experiência, um compromisso que ela carrega também pela contradição inerente à legislação. Embora a lei permita a discussão aberta sobre o tema no presente, ela também revela outro paradoxo: o silenciamento das antigas vítimas, cujas vozes são caladas sob o pretexto de que, agora que “tudo passou”, já não há necessidade de retomar a conversa.

Que o modo como vivi essa experiência do aborto — a clandestinidade — remonte a uma história superada não me parece um motivo válido para deixá-la enterrada — mesmo que o paradoxo de uma lei justa seja quase sempre obrigar as antigas vítimas a se calar, em nome de que “tudo isso acabou”, de maneira que o mesmo silêncio de antes encubra o que aconteceu. (ERNAUX, 2022, pp. 16-17)

Ainda que a maioria na França seja a favor da interrupção voluntária da gravidez, aproximadamente 20% não apoia a lei (*Le Monde*, 2022). Por isso, Ernaux usa iniciais para se referir às pessoas envolvidas no relato, pois não sabe se elas aprovariam que seus nomes fossem expostos:

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

Mas a razão que me inclina a fazer isso — a existência real de L.B., cujo valor seria revelado aos olhos de todos — é a mesma que me impede. Não tenho o direito, pelo exercício de um poder não recíproco, de expor, no espaço público de um livro, L.B., uma mulher real, viva — como a lista telefônica acaba de me confirmar —, que poderia retrucar com toda razão que ela “não me pediu nada”. (ERNAUX, 2022, p. 41)

Como Ernaux escreve, o livro é um espaço público, que tem a função de documento, arquivo histórico e discurso autorizado e oficial. Em razão desse peso, ela prefere omitir os nomes das pessoas que a ajudaram a realizar o ato ilegal. Percebe-se que, mesmo anos depois, o assunto ainda é envolvido em tabu, ainda que em menor escala. À época, Ernaux consegue encontrar uma “fazedora de anjos” apenas depois de três meses de gestação, porque, apesar de as pessoas saberem que isso ocorria na clandestinidade, não se conversava sobre isso. Ela consegue o contato da “fazedora de anjos” depois de desabafar com um colega de sala, que a apresenta para um amigo cuja esposa realizara um aborto e quase morrera no processo.

O que contribui para seu isolamento é também as “zonas de sombra”, nas palavras de Pollack: os silêncios e não-ditos nas lembranças. Ernaux aponta que não existe linguagem para se discutir o assunto, ou se existe, é uma linguagem proibida de ser usada, como a transcrição da lei determina ao declarar que a propaganda anticoncepcional e a incitação ao aborto são passíveis de punição: “Não pronunciamos nenhuma vez a palavra aborto, nem ele nem eu. Era uma coisa que não tinha lugar na linguagem” (ERNAUX, 2022, p. 36). E também:

Embora muitos romances se referissem a um aborto, eles não forneciam detalhes a respeito do modo como ele se dava exatamente. Entre o momento em que a moça descobria estar grávida e aquele em que não estava mais, havia uma elipse. Na biblioteca, procurei nos arquivos a palavra “aborto”. Todas as referências eram de revistas médicas. Peguei duas delas [...]. Esperava encontrar informações práticas, mas os artigos só tratavam das consequências do “aborto criminal” e isso não me interessava. (ERNAUX, 2022, p. 25)

Além disso, para poder relatar seus sofrimentos, uma pessoa precisa encontrar uma escuta (POLLACK, 1989, p. 6). Ernaux demora três meses para conseguir ajuda e quase quarenta décadas para compartilhar seu relato publicamente. Mesmo quando encontra um colega disposto a ajudá-la, ela se expõe à fetichização dos homens que sabem da sua gravidez e sexualizam sua condição:

Na hora ele manifestou uma expressão de curiosidade e prazer, como se me visse com as pernas abertas, o sexo à disposição. Ou talvez achasse prazerosa a súbita transformação da boa estudante de ontem em garota encurralada. Queria saber de quem eu estava grávida, desde quando. Era a primeira pessoa para quem eu contava. Mesmo se não tivesse nenhuma solução para me

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

oferecer naquele momento, sua curiosidade era uma proteção. (ERNAUX, 2022, p. 22)

Esse “interesse” é visto como uma proteção porque Ernaux sente alívio em não ser considerada uma criminosa. O fascínio que o colega sente por ela é uma garantia de que ele não irá denunciá-la, e ela se submete a essa curiosidade e a aceita porque é a única ajuda que encontra enquanto o tempo passa e seu desespero aumenta.

Ao encerrar *O acontecimento*, Ernaux justifica a escrita desse relato e o motivo de escolher publicá-lo, mesmo expondo um momento íntimo da sua vida e se abrindo a críticas e julgamentos:

Terminei de pôr em palavras isso que se revela para mim como uma experiência humana total, da vida e da morte, do tempo, da moral e do interdito, da lei, uma experiência vivida de um extremo a outro pelo corpo. Eliminei a única culpa que senti a respeito desse acontecimento — que ele tenha acontecido comigo e que eu não tenha feito nada dele. Como um dom recebido e desperdiçado. Pois, para além de todas as razões sociais e psicológicas que pude encontrar naquilo que vivi, existe uma da qual estou mais certa do que tudo: as coisas aconteceram comigo para que eu as conte. E o verdadeiro objetivo da minha vida talvez seja apenas este: que meu corpo, minhas sensações e meus pensamentos se tornem escrita, isto é, algo inteligível e geral, minha existência completamente dissolvida na cabeça e na vida dos outros. (ERNAUX, 2022, p. 71)

Segundo Willging, a conversão da experiência vivida em memória narrativa não apenas atende à necessidade de clareza e ordem do indivíduo, mas também serve a uma função social (2001, p. 92). Transformar suas recordações em um relato escrito e publicado é romper com o isolamento, pois como o indivíduo é o autor de sua própria narrativa, ele pode adequá-la de modo a suscitar a empatia de seu leitor, aproximando o escritor e o receptor e criando um senso de compreensão.

Ernaux sente o que Adorno, diante dos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, denominou “dever de memória”. Essa é uma forma de responsabilidade direcionada para o passado: “eu sou responsável por não deixar um passado específico ser negligenciado” (BOUTON, 2016, p. 278). O dever de memória seria um comprometimento com as vítimas de violências passadas para que elas não sejam esquecidas e para que o evento não se repita. Ainda sobre a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto, Sarlo escreve (2005, p. 34):

A segunda razão tem a ver com o objeto do testemunho: a verdade do campo de concentração é a morte em massa, sistemática, e dela só falam os que conseguiram escapar a esse destino; o sujeito que fala não escolhe a si mesmo, mas foi escolhido por condições também extratextuais.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

A escrita desse livro é um dever para a autora, não apenas consigo mesma, mas também com a sociedade, principalmente com as mulheres que realizaram abortos em condições arriscadas até que esse direito fosse garantido perante a lei. É o registro de uma época que, se esquecida, pode retornar, como ocorreu nos Estados Unidos em 2022, quando a Suprema Corte reverteu a lei *Roe v. Wade* e derrubou o direito constitucional ao aborto, defendido por quase meio século (NPR, 2022). Ernaux fala por aquelas que não tiveram ou ainda não têm coragem de contar suas próprias experiências, além daquelas que foram presas na época ou, mais gravemente, morreram durante o procedimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O acontecimento de Annie Ernaux ilustra o conceito de memórias subterrâneas de Michael Pollack para além da Segunda Guerra Mundial. Ela demonstra que o medo de julgamento e estigmatização recai sobre outras experiências que são silenciadas à época pelo tabu social e pela proibição oficial através das leis, como o aborto. Isso gera o isolamento do sujeito, que não possui um ouvinte ou apoio, muitas vezes tendo que recorrer então a um diário ou a uma agenda para anotar suas experiências e memórias.

No caso da escritora, a memória subterrânea de Ernaux envolvendo a gravidez indesejada permaneceu oculta durante o período em que a autora sofreria consequências por confessar um ato considerado ilegal e emerge apenas 25 anos depois da legalização do aborto na França. O relato pessoal é visto pela autora como um dever de memória, com o objetivo de dar voz ao seu acontecimento e ao de outras mulheres que foram silenciadas. Isso representa para Ernaux uma responsabilidade de contar e compartilhar o que viveu, como é estabelecido ao longo de todo seu projeto literário.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

REFERÊNCIAS

BOUTON, Christophe. Responsabilidade pelo passado: Lançando luz no debate sobre o “dever de memória” na França. **Revista Expedições: Teoria da História & Historiografia**, Anápolis, vol. 7, no. 1, 2016, pp. 271-283.

ERNAUX, Annie. Nobel Lecture by Annie Ernaux. Disponível em: nobelprize.org/uploads/2022/12/ernaux-lecture-english.pdf. Acesso em: 19 de ago. de 2023.

ERNAUX, Annie. **O Acontecimento**. São Paulo: Editora Fósforo, 2022.

ERNAUX, Annie. **Os Anos**. São Paulo: Editora Fósforo, 2021.

French parliament votes to enshrine abortion as constitutional right: The Assemblée Nationale vote was in line with over 80% of the French population, who support the right to abortion. **Le Monde**, Paris, ano 2022, p. 1, 24 nov. 2022. Disponível em: lemonde.fr/en/france/article/2022/11/24/french-parliament-votes-to-enshrine-abortion-as-constitutional-right_6005502_7.html. Acesso em: 23 ago. 2023.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, no. 3, 1989, pp. 3-15.

TOTENBERG, Nina; MCCAMMON, Sarah. Supreme Court overturns Roe v. Wade, ending right to abortion upheld for decades. **National Public Radio**, Washington D. C., 24 de jun. de 2022. Disponível em: npr.org/2022/06/24/1102305878/supreme-court-abortion-roe-v-wade-decision-overturn. Acesso em: 19 de ago. de 2023.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: Cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

WILLGING, Jennifer. Annie Ernaux's Shameful Narration. University of Nebraska Press, Lincoln, vol. 26, no. 1, 2001, pp. 83-103.

Recebido em: 25/4/2024

Aceito em: 29/5/2024

Publicado em: 30/9/2024

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

ANNIE ERNAUX'S UNDERGROUND MEMORIES IN *HAPPENING* (2000)

Gabriela Seguesse Freitas

Universidade Federal de São Carlos

gsf.br@hotmail.com

ABSTRACT

In 2000, French writer Annie Ernaux publishes *L'Événement* (translated in Brazil by Editora Fósforo in 2022 as *O acontecimento*), an autobiographical account of the abortion the writer underwent at the age of 23 in 1963, when the procedure was illegal in France. The *memoir* emerges twenty-five years after the country's legalization of abortion in 1975. Drawing on Michael Pollack's concept of "underground memories", which refers to memories of marginalized groups that are "forbidden" and thus "clandestine," Ernaux breaks taboos and silences surrounding the topic, bringing it into the public sphere by publishing her works. The French author draws worldwide attention to the subject when she wins the Nobel Prize in 2022, putting her literary project in the spotlight, with translations in several countries. With the aid of her journal, Ernaux retrieves in *Happening* the memory of her personal experience, which was shared by other women and kept concealed during that time, often continuing into the present day.

Keywords: Annie Ernaux; Autobiography; French Literature; Underground Memories; Michael Pollack.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

LOS RECUERDOS SUBTERRÁNEOS DE ANNIE ERNAUX EN *EL ACONTECIMIENTO* (2000)

Gabriela Seguesse Freitas

Universidade Federal de São Carlos

(gsf.br@hotmail.com)

RESUMEN

En 2000, la escritora francesa Annie Ernaux publica *L'Événement* (traducido en Brasil por el Editorial Fósforo en 2022 como *O acontecimento*), un relato autobiográfico sobre el aborto que realizó a los 23 años, en 1963, cuando el procedimiento era ilegal en Francia. El *memoir* emerge veinticinco años después de la legalización en el país, en 1975. Teniendo en cuenta el concepto de recuerdos subterráneos de Michael Pollack, aquellos de grupos marginados que están "prohibidos" y, por lo tanto, "clandestinos", Ernaux rompe los tabúes y los silenciamientos en torno al tema y lo inserta en el espacio público al publicar sus obras, atrayendo la atención mundial hacia el asunto al ganar el Premio Nobel en 2022 y poner su proyecto literario en evidencia, que recibe traducciones en varios países. Con la ayuda de su diario, Ernaux rescata en *El acontecimiento* la memoria de su experiencia personal, pero que fue vivida por otras mujeres y mantenida en secreto en aquel momento, y muchas veces hasta hoy.

Palabras-clave: Annie Ernaux; Autobiografía; Literatura Francesa; Recuerdos Subterráneos; Michael Pollack.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 1	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------